

OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Claudineide Lima Irmã¹

Leandro Geronazzo²

Sueli Alves de Siqueira³

Alfabetização e formação inicial e continuada de professores.

Resumo

Este artigo é organizado por uma equipe de Professores Coordenadores de Núcleo Pedagógico de uma Diretoria de Ensino, da grande São Paulo, que atende as escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, aborda questões referentes ao processo de formação de professores alfabetizadores que atuam no Ciclo de Alfabetização. Apresenta um breve panorama sobre os desafios de ensinar e aprender neste momento de distanciamento social, por meio de aportes teóricos cognitivistas, que apostam no modo como as pessoas pensam, considerando os impactos desse pensar no seu comportamento. Apresenta diferentes tipos de indicadores de resultados das avaliações, priorizando os aspectos relacionados ao processo de alfabetização, as ferramentas digitais disponíveis, sua utilização e contribuição como espaço de formação e propõe uma discussão sobre a prática pedagógica dos professores.

Palavras-chaves: Ação Didática, Alfabetização, Formação continuada.

Introdução

O advento da pandemia trouxe grande transformação nos diferentes setores da vida humana e a escola sofre incondicionalmente as agruras deste momento.

¹Professora Mestra em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Professora Universitária de São Paulo. Contato: psiconomica@gmail.com.

²Especialista em Educação Matemática na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do EF pela Faculdade Guarulhos. Professor de Educação Básica de São Paulo. Contato: leandrogeronazzo@hotmail.com.

³Pedagoga pela Universidade 9 de Julho. Professora de Educação Básica de São Paulo Contato: suelialvessiqueira2016@gmail.com

Considerada culturalmente e institucionalmente como espaço de aprendizagem e de ensino, assumiu *in lócus* o compromisso de garantir informações confiáveis e precisas para auxiliar e desenvolver nas pessoas comportamento positivo e tomada de decisão consciente em proteção à vida.

O descontrole pandêmico divide opiniões das famílias, dos profissionais da saúde e da educação sobre a abertura ou não das escolas, deixando a educação num beco sem saída. De um lado a família entendida culturalmente como um espaço de transmissão de valores próprios, do outro a escola que tem como finalidade o desenvolvimento e a construção de valores coletivos e universais. Surge aí um grande paradoxo: Como conciliar o cuidar e o ensinar, fruto do compromisso e responsabilidade de ambos setores? Como passa a ser realizado o processo ensino dos conteúdos escolares? E o professor? Como esse passa a perceber-se e ser percebido em meio a tantas transformações e exigências do contexto pandêmico?

Diante desses questionamentos, planejar atividades remotas, cumprir uma rotina de horas de trabalho exaustivas, gerenciar medos, vivenciar situações de tensões e contradições, adentrar as casas das diferentes famílias e permitir que seu espaço de descanso se tornasse coletivo, virtual, público, foram os desafios impostos ao professor. E o seu processo formativo?

Então, o objetivo deste artigo, organizado pela equipe de Professores Coordenadores de Núcleo Pedagógico, responsável pelo trabalho de formação, observação e acompanhamento de escolas dos Anos Iniciais, tem como foco, auxiliar o professor em seu processo de formação continuada e garantir a alfabetização dos estudantes a partir do trabalho remoto. Optou-se assim, pela realização de encontros formativos em plataformas digitais, participação e interação por meio do registro escrito e oral vindo dos professores, como objeto de análise, por entender que estas estes recursos, permitem identificar as causas e as consequências das ações do sujeito de forma crítica e reflexiva.

Fundamentação teórica

A pesquisa está dividida em dois grandes aspectos: 1) Trabalhos que discutem a alfabetização em tempos de pandemia, 2) Estudiosos que debatem o processo de formação dos professores, seja ela inicial ou continuada.

Sobre o primeiro aspecto, levantamos autores como, Weisz (2010) e Ferreira

(2013), para conceituar o processo de alfabetização e de avaliação (sondagem), considerando as ideias que os estudantes constroem sobre o que a escrita representa.

Em relação ao segundo aspecto, selecionamos autores que discutem a formação de professores por meio da reflexão e da problematização. Entre eles, Huberman (2007), Freire (2021), Liberaly (2006) e outros, que colocam o sujeito como participante do processo, que conta a história vivida e ao contar permite criar uma nova história.

Metodologia

A partir do diagnóstico de uma plataforma alimentada bimestralmente, denominada Mapa de Classe, foram realizadas uma série de reuniões, discussões e análise de resultados. Essa plataforma, instrumento de avaliação da rede pública estadual de São Paulo, tem como objetivo identificar a hipótese de escrita dos estudantes através de sondagens realizadas pelos professores.

Ferreiro (2013) explana que as crianças sabem que estão sendo escutadas não só pela educadora, como também pelos colegas, o que é muito importante. Quando se sabe estar sendo escutado, não se diz qualquer coisa, reflete-se, escolhem-se as palavras. Isso acontece com os adultos e também com as crianças.

Esse tipo de avaliação requer do professor um conhecimento e embasamento teórico para sua aplicação e análise, o que torna essa plataforma uma ferramenta importante para uma atuação frente ao trabalho de formação dos professores.

Segundo Placco (2012):

É preciso então reconhecer que já está passando da hora de refletir sobre ações e estratégias solidamente fundamentadas e articuladas com o objetivo de transformar essa utopia em realidade, nos vários segmentos e cotidianos de formação. Somente assim podemos dar o próximo passo e propor mudanças efetivas para romper com os modos atuais pelo quais são construídos, aplicados, vivenciados e avaliados os processos de formação continuada de professores.

O que certamente implica em um processo de reflexão, onde ocorre a apropriação de uma formação que nos humaniza e possibilita libertar-se, não

apenas para transformar o mundo mas principalmente para inseri-lo nele.

Esta equipe manteve o desejo de trabalhar com a formação de professores, por considerar que este profissional foi o propulsor de inúmeros olhares, debates e discussões frente ao trabalho realizado com os estudantes. Cooper apud Huberman (1982) nos chama a atenção para a seguinte observação:

Durante esta fase, o professor busca novos estímulos, novas ideias e novos compromissos. Sente a necessidade de se comprometer com projetos, de algum significado e envergadura; procura mobilizar esse sentimento acabado de adquirir , de eficácia e competência.

Portanto, em busca de um novo momento de estabilização profissional, o processo formativo do professor passa a ser observado e acompanhado de maneira pontual, de diferentes formas, tempos e espaços. No contexto vivido, ocorre através do Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP), que é um aplicativo *on line* com a finalidade de contribuir com a formação dos profissionais da Rede Estadual de Ensino e ampliar a oferta aos estudantes de uma educação mediada por tecnologia, alinhada às demandas do século XXI.

Neste processo, São oferecidos encontros semanais, nas diferentes áreas do conhecimento, oportunizando momentos de estudos dos professores durante as Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), momentos de desdobramento, para análise e discussão de conteúdos organizados por meio de sequências didáticas específicas para cada ano/série e ainda, momentos de estudo do projeto de Educação Matemática nos Anos Iniciais (EMAI). Diante desse cenário de formação continuada do professor, observa-se ainda algumas lacunas em relação à teoria e a prática utilizada pelos docentes durante as aulas. Segundo Freire (2008):

Não existe prática sem teoria, como também não existe teoria que não tenha nascido de uma prática. Porque o importante é que a reflexão seja um instrumento dinamizador entre prática e teoria. Porém, não basta pensar, refletir, o crucial é fazer com que a reflexão nos conduza a ação transformadora, que comprometa-nos com nossos desejos, nossas opções, nossa história.

É preciso, pois, ratificar e tornar observável aos nossos profissionais que as questões teóricas precisam ser vistas, pensadas e vivenciadas como base para a instrumentalização da prática, buscando uma superação face a essa dicotomia.

A sondagem de entrada, realizada com todos os estudantes, mostra lacunas em relação à construção da base alfabética. O distanciamento social e o impedimento às aulas presenciais decorrentes da pandemia, certamente foram fatores determinantes para esta realidade, pois impossibilitou a interação, a intervenção e a problematização, fatores essenciais no processo de alfabetização, como afirma Sampaio (2019):

Para que a construção do conhecimento aconteça no sujeito aprendiz, é necessário que quem ensina tenha formado com ele um vínculo positivo e *vice-versa*. Assim, o aluno pode transformar esse conhecimento, mas isto só irá acontecer se houver confiança nesta relação de ensino e aprendizagem, pois para aprender, é necessário que o sujeito se autorize a aprender, do contrário, poderá existir um bloqueio de qualquer ordem, funcionando como uma sombra negativa sobre o sujeito, e a aprendizagem ficará impossibilitada.

Ensinar, pois evidencia-se, como um processo que envolve aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Diante desta constatação, entende-se que é preciso auxiliar os professores aqui considerados também, como sujeitos aprendentes em relação a sua prática pedagógica.

Iniciou-se, então, o trabalho de formação de professores pelo Núcleo Pedagógico. Assim, como uma grande colcha de retalhos os objetivos e os objetos de conhecimento a serem propostos para os encontros formativos foram alinhados, elaborado-se um percurso a ser seguido. Sabendo que o processo de Alfabetização é a base para o desenvolvimento da leitura, da escrita, da comunicação, das ideias e dos pensamentos, priorizou-se o atendimento aos professores do Ciclo de Alfabetização. Realizou-se ainda um levantamento dos horários de formação, no caso aqui, as ATPC que ocorrem nas trinta e duas escolas, considerando o dia de maior concentração de professores para definir os encontros formativos.

É importante ressaltar que além das demandas formativas dos docentes, existem lacunas no processo de alfabetização dos nossos estudantes referia-se devido ao impedimento das aulas presenciais. Mas com certeza o aspecto que mais impulsionou garantir esses encontros de formação, foi ouvir o seguinte relato: minha filha de apenas 6 anos, encontra-se desmotivada para o estudo remoto. A professora, sentindo falta da sua participação, mandou uma mensagem via aplicativo de celular, dizendo o quanto esperava e deseja que ela estivesse presente na sala de aula,

mesmo que por meio remoto, isso fez toda diferença.

De acordo com Fernández (1991), a escuta não é sinônimo de ficar em silêncio, como olhar não é de ter os olhos abertos. Escutar, receber, aceitar, abrir-se, permitir, impregnar-se.

Tradicionalmente seria comum pensar na normalidade do relato apresentado pela professora onde esse espaço de diálogo limitava-se a ser ilustrado pelo professor como transmissor e o estudante mero receptor. Porém, o que se defende atualmente, é a total inversão dessas crenças em relação aos sujeitos aprendentes, haja vista, que o professor poderá ser o emissor quando está no papel de mediador do conhecimento e receptor quando se dispõe a ouvir as experiências e saberes dos estudantes, daí a importância de não haver ruídos ou desvios na comunicação.

Diante disso, passou a ser oferecido a formação, algo que dialogue com a realidade vivida pelas escolas, pelos estudantes e professores, era preciso não perder de vista o número de estudantes que precisam ser alfabetizados.

Os encontros, são realizados pela plataforma digital *Teams*, um software que tem sido muito utilizado para fins educacionais, onde é possível fazer a interação e a participação junto aos professores, de forma verbal ou através de registro escrito, via *chat*.

É importante que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma colaborativa com foco no compartilhamento das experiências e na construção do conhecimento por meio das interações com o grupo (BACICH, NETO e TREVISANI, 2015, p. 62).

Dessa maneira, o professor é levado a experimentar novas formas de atuação, como as tecnologias digitais, refletir e trocar conhecimentos sobre os temas e questões levantadas pelos formadores e pelo grupo durante o encontro.

Sobre os conteúdos, priorizou-se a construção da escrita e a leitura (ler sem saber ler), para alavancar o processo de alfabetização. Acreditar e fazer valer uma prática sob a perspectiva do ler sem saber, implica na crença do trabalho de alfabetização realizado a partir dos textos que circulam socialmente, por meio da

mobilização das estratégias de leitura.

Segundo Gouveia (2006)

Tais estratégias são postas em prática pelas crianças sempre que tentam “ler” mesmo sem saber ler. Elas antecipam o que pode estar escrito. Como ainda não dominam o sistema, estão o tempo todo usando informações sobre a escrita do próprio nome, do nome dos colegas ou outros que trazem da própria experiência.

É importante considerar o esforço cognitivo por parte dos estudantes, quando estes precisam fazer escolhas, refletir e justificá-las.

Esse trabalho de formação encontra-se em andamento, nos encontros realizados quinzenalmente. É possível observar que o número de professores participantes aumenta gradativamente de forma significativa, bem como a aplicação de propostas de atividades sugeridas no momento da formação.

Portanto, saber administrar sua formação continuada, hoje, é administrar bem mais do que saber escolher com discernimento entre os diversos cursos em um catálogo (Perrenoud, 2000, p. 158).

Este aspecto defendido pelo autor vem ao encontro dos nossos ideais, é fundamental e urgente às novas e futuras gerações a sensibilização à construção de uma cultura de formação.

Nesse sentido, toma-se cuidado de ajudar o professor com adaptações de atividades para o estudo remoto, pois entende-se que a rotina da casa dos estudantes e a utilização das atividades cotidianas que acontecem nas famílias, são situações notáveis para ajudar no processo de construção da base alfabética, pois a construção do conhecimento se dá por diferentes caminhos e em diferentes ritmos.

Resultados e Discussão

Os encontros revelaram a necessidade de entender o professor como aprendiz e de considerar a necessidade das aproximações sucessivas ao objeto de conhecimento. Relatos por meio das ferramentas disponíveis demonstram que retomar as discussões sobre sistema de escrita e sobre a leitura (ler sem saber ler) como elementos básicos para a Alfabetização, devem ser sempre objetos de estudos

por parte dos professores.

A linguagem que permeia esses eventos de desenvolvimento/capacitação é essencialmente marcada por textos que destacam o relato de situações de sala de aula, com descrição de ações. (Liberaly, 2003).

Essa definição sobre como o professor pensa o ensino pode ser observados a partir dos relatos descritos abaixo:

Relato 1: *A leitura vai muito mais além de uma imagem e sim da leitura do mundo desta criança. Dependemos de fatores ambientais que estimulem esta criança.*

Relato 2: *O texto escrito é muito importante, mesmo quando o aluno ainda não sabe ler.*

Relato 3: *Uma vez que antes da criança ler convencionalmente, ela possui suas próprias estratégias de leitura.*

Relato 4: *Sim, é possível ler sem saber ler, por exemplo na leitura imagética.*

Relato 5: *Eu já fazia o trabalho de ler sem saber ler, do meu jeito, acreditando que estava dando conta. Depois da formação de hoje, vou passar a fazer de outra forma, pensando no que foi dito.*

São depoimentos permeados de conhecimento construídos ao longo da trajetória profissional que requer um deslocamento no olhar para ressignificar conceitos, repensar o conhecimento e analisar reflexivamente a prática didática, aspecto, suscitado por contribuições de outros professores situações de leitura, análise de pequenos fragmentos de vídeos e ainda através de atividades planejadas antecipadamente.

Este estudo tenta demonstrar que a construção do conhecimento não é algo pronto e acabado, mas trata-se de um percurso que requer a participação ativa do sujeito aprendiz, que vai integrando novas formas de pensar aos conhecimentos já existentes, isso vale tanto para o estudante, quanto para o professor.

O aprendiz é um sujeito protagonista do seu processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação que converte a informação em conhecimento próprio. (Weisz, 2009, p.60).

Tornar observável a prática docente, acompanhar a ação de planejamento, desenvolver um espaço de reflexão, escuta sobre o que e como fazemos, são caminhos que precisam ser percorridos em parceria, por meio de estudo, numa grande rede de colaboração. Os resultados observados demonstram que a concepção

de formação sistemática consolidada nos Anos Iniciais historicamente construída, é marcada por diversas contribuições, no âmbito dos avanços formativos, e no desenvolvimento de uma cultura de formação. Os impactos desses processos encontram-se em andamento e farão parte deste estudo no final do segundo bimestre.

Considerações Finais

Frente a realidade do contexto pandêmico pela COVID-19, deve ser objeto primeiro de discussão de todos os setores da sociedade, a segurança e a garantia da vida humana.

No contexto da formação, objeto de reflexão deste trabalho, é possível considerar que a ação escolhida proporciona aos professores momentos de reflexão crítica e transformação das práticas pedagógicas, conforme nos mostram os relatos, o número de professores participantes, a interação e envolvimento das escolas.

No que tange a escola e o processo de ensino e aprendizagem, não se pode ofuscar o olhar para esses dois aspectos que se convergem, estudante e professor, como sujeito de um processo. Ressalta-se ainda, que a disponibilização e utilização de ferramentas digitais e plataformas diversas, requerem formação para sua utilização. Vale aqui abrir um parênteses, não podemos deixar de considerar que este é um quesito que precisa ser plenamente considerado, sua viabilização ou não, poderá acarretar a exclusão, o que aumenta ainda mais as diferenças sociais.

Referências Bibliográficas

- BACICH, L. TANZI, A. N. TREVISAN, F. de M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação.** In: BACICH, Lilian *et al* (org.). Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 47-65.
- BRENDA, Tadeu. **Leitura feita pelo aluno, antes de saber ler convencionalmente.** 2009. Disponível em:
 - <https://novaescola.org.br/conteudo/2486/leitura-feita-pelo-aluno-antes-de-saber-ler-convencionalmente> . Acesso em: 10 jun. 2021.
- FERREIRO, E. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito:** seleção de textos de pesquisa/Emília Ferreiro; tradução de Rosana Malerba. São Paulo:

Cortez, 2013.

- FREIRE, M. **Educador**. Educa a dor. 8ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo. ed : Paz e Terra, 2021.
- PERRENOUD, P. **Dez competências para ensinar**; tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PLACCO, V. M. N. de S., ALMEIDA, L. R. de (orgs). **O coordenador pedagógico, provocações e possibilidades de atuação**. São Paulo. Edições Loyola. 2012.
- SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicologia na relação sujeito, família e escola. 5ª ed. Rio de Janeiro; Wak editora, 2019.
- WEISZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem/ Telma Weisz: com Ana Sanchez. 2ª ed. São Paulo. Ática, 2009.